

A ventura de seguir a aventura com Marco Velloso e Marilucia Meireles

Uma biografia de Enrique
Pichon-Rivière

Cecília Luiza Montag Hirschzon

Resenha de Marco Aurélio Fernandez Velloso e Marilucia Melo Meireles, *Seguir a aventura de Enrique Pichon-Rivière: uma biografia*. São Paulo: Casa Psi, 2007, 282 p.

Alicerçada em extensa e generosa referência bibliográfica, eletrônica, depoimentos e relatos pessoais, matéria-prima motivadora de inúmeras pesquisas que nela possam se inspirar, Marco Aurélio e Marilucia nos brindam com essa biografia profunda, cuidadosa e abrangente de um dos psicanalistas mais instigantes da nossa época e, paradoxalmente, menos conhecido.

A leitura do texto, além de um percurso contínuo, oferece, a partir do índice remissivo, um leque de opções por múltiplas áreas de interesse, dando margem a investigações que vão desde diferentes personalidades e acontecimentos vinculados a Pichon, passando por indicações históricas, geográficas, institucionais, eventos científicos, publicações, até um vocabulário amplo, incluindo obviamente a terminologia própria do autor.

A criteriosa reconstrução histórica, política e social, coerente com o perfil ideológico

Cecília Luiza Montag Hirschzon é psicanalista, formada em Ciências Sociais e Psicologia pela USP, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro associado da Sociedade de Psicanálise de São Paulo.

de seus autores, nos conduz a uma viagem pela América Latina e também pelo panorama mundial da época, que fornece referencial para avaliar o contexto e o significado extremamente avançado das suas ideias.

Os biógrafos dão-nos a oportunidade de seguir genealogicamente os primeiros passos da introdução da Psicanálise na América Latina e avaliar entre outros fatos, por exemplo, o espírito pioneiro de Durval Marcondes no Brasil, que se corresponde com Freud em 1928.

Marilucia e Marco Aurélio evidenciam também a psicanálise, desde o seu nascimento, como um campo aberto aos interesses do meio artístico e intelectual em suas tendências mais modernas, tais como o Surrealismo no ambiente europeu e a Semana de Arte Moderna de 22 em nosso meio.

A localização de Pichon-Rivière neste panorama (nasce em Genebra em 25/6/1907 e chega à Argentina em 1909) juntamente com sua filiação levam a antecipar em que direção se dará o desenvolvimento de suas concepções. Filho de franceses: o pai, Alphonse Pichon, mostrava inclinação desde cedo por uma ideologia socialista radical, sendo por esse motivo expulso da Academia Militar de Saint-Cyr a que pertencia; a mãe, Josephine de la Rivière, influência marcante em sua vida, pertencente a uma família da alta classe social francesa; embora formada num colégio católico tradicional em Lyon, já mostrava, na época, atitudes inaugurais, tais como ser a primeira mulher a fumar e a usar calças compridas.

Chegando à Argentina, a família desloca-se para o norte do país, interessada em desenvolver um projeto agrícola. Estabelecem-se em Florência, pequena cidade habitada predominantemente por índios guaranis, com quem mantêm relações abertas e que dão a Enrique a oportunidade de aprender o guarani, língua que falava fluentemente.

As atividades agrícolas fracassaram e em 1917 transferem-se para Goya, onde Alphonse passa a lecionar francês e trabalhar em contabilidade. Josephine começa a dar aulas de francês e também

de canto, terminando por fundar a Escola Profissional e Colégio Nacional de Goya, onde o próprio Enrique estuda até completar o colegial.

Quando Pichon tinha 15 anos, morre seu pai. Aos 18, dirige-se a Rosário, época em que inicia o curso de Medicina. Em 1926 chega a Buenos Aires, onde completa seus estudos e começa a exercer a profissão de psiquiatra e psicanalista.

No dia 15 de dezembro de 1942, Enrique Pichon-Rivière, juntamente com outros nomes importantes do meio psicanalítico, assinam a ata de fundação da Associação Psicanalítica Argentina, que será reconhecida pela IPA em 1949 no XIV Congresso Internacional de Psicanálise.

Paralelamente às suas atividades na APA, Pichon desenvolvia seminários no Hospício de las Mercedes (entre 1936 e 1948), onde havia nesta época cerca de 4.500 pacientes internados. Dada a impossibilidade de atendê-los em sua maioria, sua primeira atitude foi a de tentar capacitar o corpo de enfermagem para a tarefa. Em outro momento, por ocasião de uma greve de enfermeiros, incumbe os próprios pacientes a desempenhar tais funções e começa a pensar em técnicas de trabalho grupal. Podemos vislumbrar já nessas ações a antecipação dos avanços da antipsiquiatria e da luta antimanicomial.

Na época o campo mais desenvolvido da psicologia social achava-se nos Estados Unidos, representado principalmente por Kurt Lewin (da teoria da *Gestalt*) e George Mead, pensadores que tiveram influência marcante sobre a obra de Pichon. Também Gaston Bachelard na França, com seu conceito de *obstáculo epistemológico* e Henri Lefèvre, através da concepção histórico dialética, foram valiosas fontes inspiradoras. É também importante destacar a ligação do biografado com Melanie Klein, que conheceu em Londres em 1951 e com quem se supervisionou.

No final da década de 40 trabalhou na Faculdade de Medicina da UBA como chefe da cadeira de psiquiatria, mas nunca dissociou a prática clínica do ensino e da pesquisa. A ênfase na *práxis* sempre fez parte de suas colocações. Sua concepção de relação terapêutica partia da

ideia de *vínculo*. O encontro acontecia na relação entre duas pessoas com suas respectivas redes vinculares internalizadas. O objetivo era a operatividade, a mudança. Seu modo de ouvir e interpretar na transferência desidealizava o lugar do analista, tornando-o um *copensador*. Recusava-se a estabelecer uma relação de poder na relação com seus pacientes. Por outro lado, não aceitava a prática terapêutica por profissionais que não tivessem feito a sua análise pessoal. A "autoridade" do analista era simplesmente a de ter percorrido antes o caminho de conhecimento da sua própria subjetividade.

A partir dessas referências, Pichon cria a concepção de ECRO (Esquema Conceitual, Referencial e Operativo), um dos conceitos fundamentais pelo qual sua obra é conhecida.

Suas contribuições se centrarão em dois pontos principais: de um lado, a investigação psicanalítica, principalmente na época do Hospício de las Mercedes. De outro, seu pensamento marcado pela epistemologia histórico-dialética, que, levando à releitura da obra de Freud, resultará na teoria e técnica dos grupos operativos.

É desse processo que advirá sua concepção de que toda psicologia é psicologia social. Daí o conceito de *vínculo* ser pedra fundamental de sua obra. Para Pichon, sujeito e grupo são uma unidade dialética em constante transformação.

Foi casado com Arminda Aberastury, com quem teve três filhos. Arminda, que se tornou analista didata pela APA em 1953, principal introdutora do pensamento kleiniano na Argentina, tornou-se referência internacionalmente conhecida, sobretudo no campo da psicoterapia de crianças, compartilhando com Pichon o interesse e a prática nessa área.

Divorciaram-se em 1956, sendo o último período em que viveram juntos muito conturbado. Nessa época Pichon fica bastante abalado, passa a consumir anfetaminas e tem o estado de saúde fragilizado por sucessivas pneumonias e problemas neurológicos que, afetando a ingestão de alimentos,

provocavam gastrites hemorrágicas. Arminda, por sua vez, casa-se novamente. Acometida por vitiligo nos últimos anos de sua vida, acaba por suicidar-se em novembro de 1972, aos 62 anos de idade.

Uma pessoa significativa na vida de Pichon, que depois se transformou em principal colaboradora, foi Ana Quiroga, a quem ele dedicou seu livro mais importante: *Del Psicoanálisis a la Psicología social*. Auxiliou-o a fundar a *Primera Escuela Privada de Psicología Social* em 1967, da qual é diretora até os dias de hoje.

Pichon afirmava a sua autonomia ao criar esse espaço de difusão das suas ideias. Ao denominá-la Escola de Psicologia Social, explicitava que a psicanálise só podia ser entendida a partir de vínculos, o que levava a concluir que, nesse sentido, toda psicologia é psicologia social, inclusive a psicanálise.

Além disso, ao redefinir a psicanálise como psicologia social e não mais como psiquiatria, tomava atitude avançada diante da questão da saúde mental e da importância da interdisciplinaridade.

Fundou nessa época a *Primera Escuela de Psiquiatria Dinâmica* (também chamada *Pequeña Salpêtrière*), onde desenvolvia atividades pioneiras no campo da saúde mental e da psicologia social. No final dos anos 50 prevalecia em quase toda a América Latina uma ideologia de orientação marxista. Esse período foi a época em que Pichon alcançou seu maior prestígio. Em 1958, cria-se, sob sua liderança, um experimento social que veio a ser conhecido como *Experiencia Rosário*. Tratava-se de um autêntico laboratório social, de um ato inaugural de intervenção psicossocial, onde se pretendia validar as técnicas de grupos operativos, dando margem à publicação do livro *O processo grupal*, escrito em colaboração com Bleger, Liberman e Rolla.

Nesse momento, formulou o que ficou conhecida como a Lei Fundamental dos Grupos Operativos: “Os grupos são tão mais produtivos quanto mais heterogêneos forem seus participantes e mais homogênea for sua dedicação à tarefa” (p. 140).

Em 1951, Pichon, entusiasmado por Lacan, vai a Paris. Embora não aderindo ao ponto

de vista estruturalista, foi também através dele que o lacanismo chegou à Argentina.

Em 1954, juntamente com Madeleine Baranger, Bleger, Marie Langer, Gilou Reinoso, Emilio Rodrigué e outros funda a *Asociación Argentina de Psicología e Psicoterapia de Grupo*, lugar de intercâmbio de experiências e produção teórica, que abria um espaço independente e criativo.

Nesse período o país passava por uma eferescência política, principalmente nos meios universitários e intelectuais. Paralelamente evidenciavam-se conflitos entre diferentes grupos de psicanalistas dentro da APA. A instituição psicanalítica foi se fechando cada vez mais, impondo-se mais normas, tornando a hierarquia cada vez mais rígida, o que leva a uma cisão e à criação da APDEBA (Associação Psicanalítica de Buenos Aires).

Nos últimos vinte anos de vida, Pichon apresentava, junto do uso de anfetaminas, um quadro nítido de alcoolismo, que o levou a várias internações para se desintoxicar.

Em 1966, a APA suspendeu sua função didática, mas apesar disso ele nunca se desligou da instituição. A esse respeito, por ocasião do vigésimo aniversário da morte de Pichon, Emilio Rodrigué escreve: “Como presidente determinei que fosse suspenso de sua condição de analista didata. Hoje em dia, custa-me crer que tomei esta decisão. Sem ânimo de desviar a culpa, creio que minha atitude revela como se pode pensar mal dentro do clima institucional” (p. 182).

Elizabeth Roudinesco e Michel Plon também se referem a esse episódio:

Por volta de 1965 (Pichon) desinteressou-se da análise didática, mas o seu seminário, para o qual acorria a juventude, continua a lhe garantir um lugar incontestável de líder intelectual, apesar do álcool e dos medicamentos (p. 183).

Em 1972, no texto *Del Psicoanálisis a la Psicología social*, escrito com Ana Quiroga, Pichon define-se ao mesmo tempo como seguidor teórico da psicanálise junto a

uma leitura materialista histórica e dialética de seus fundamentos, rompendo com os fundamentos instintivistas da teoria psicanalítica e propondo a constituição da subjetividade a partir de uma estrutura vincular alicerçada na emergência das necessidades (p. 196).

Além do confronto com a APA, Pichon foi perseguido politicamente tanto no governo de Isabelita Perón, quanto na ditadura de Videla. Em 1975 foi pressionado por um grupo de ultradireita que exigia o fechamento da Escola de Psicologia Social, mas não cedeu às ameaças. Anos depois, em Buenos Aires, a Escola cresceu, chegando a contar com mais de mil alunos em seus quatro anos de formação de observadores e coordenadores de grupos operativos.

No Brasil, a divulgação de suas ideias se deu principalmente a Rodolfo Bohoslavsky (1942-

1977), que deu um primeiro curso na USP em 1975, na área de Orientação Profissional.

Nos últimos anos de vida, Pichon achava-se fragilizado fisicamente, enquanto o ambiente político era o de uma ditadura das mais violentas. Dentro desse clima eram proibidas reuniões de grupos, consideradas subversivas. A morte e a solidão o ameaçavam, mas não lhe faltou a companhia dos amigos mais fiéis, que também o auxiliavam materialmente.

Pichon faleceu na noite de 15 de julho de 1977, deixando uma rica herança de conceitos que merecem ser ainda muito trabalhados. Fica a imagem de sua pessoa como uma figura humana, fascinante, libertária, criativa. Ficam também as imagens de Marco Aurélio e Marilúcia como discípulos profundamente identificados com os ensinamentos do mestre.